

Eran de lirios los ramos, Iban cargándola en andas
y las orlas de reseda, obispos y embajadores:
y de jazmín: la enterramos detrás iba el pueblo en tandas,
en una caja de seda. todo cargado de flores.

...Ella dio al desmemoriado
una almohadilla de olor: él volvió, volvió casado:
ella se murió de amor. ella se murió de amor.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos IX (continuación)
José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Payador de alma larga e coração gaudério
cavalgas – feito um rei – o alazão da lua
e entre o descampado do Índigo Mistério
farrapa é tu lança e o lenço teu flutua...

Da noite fluorescente evolum-se perfumes
e em silêncio a pampa te aplaude o improviso
no alpendre desse céu se acendem vaga-lumes:
poéticas lanternas a colorir-te o riso...

Já o sabiá irrompe em rubra sinfonia:
em nome do bom Deus, mavioso, ele anuncia
em coplas de esplendor esperançoso o dia!

O pássaro cantor (saudade amilongada!)
e o Velho Payador cevando a madrugada
na cuia hospitaleira da querência amada!

J. J. Oliveira Gonçalves, Payador Alado...
(a Jayme Caetano Braun), em Seleta de Versos e Prosa 17, 2003

Viajor de uma jornada desigual,
a sede de viver jamais sacia.
Do seu caminho, às vezes, de desvia,
vacila o pé, mas, volta-se ao fanal.

Enfrenta o imaginário e o real.
Entre dois mundos se mantém. Vigia,
luta ao buscar o pão de cada dia
e sempre cultivando um ideal.

Nada o detém: escarpa, nem acivie.
De peito aberto, segue pelo mundo:
sem ter medida, põe-se à toda prova.

Apascentando o sonho é que ele vive.
Possui em si manancial fecundo:
realizando sonhos, se renova!

Walma da Costa Barros, Poeta; em Seleta de Versos e Prosa
17, 2003 – Assas: fone (0 55) 3352-2504, S. Luiz Gonzaga, RS

No es un sueño, es verdad: grito de guerra
lanza el cubano pueblo, enfurecido;
el pueblo que tres siglos ha sufrido
cuanto de negro la opresión encierra.

Del ancho Cauto a la Escambray sierra,
ruge el cañón, y al bélico estampido,
el bárbaro opresor, estremecido,
gime, solloza, y tímido se aterra.

De su fuerza y heroica valentía
tumbas los campos son, y su grandeza
degrada y mancha horrible cobardía.

Gracias a Dios que ¡al fin con entereza
rompe Cuba el dogal que la oprimía
y activa y libre yergue su cabeza!

José Julián Martí 28.01.1853-19.05.1895, ¡10 de Octubre!
de José Martí Poesía Completa, Tomo II, 1985

Bajo la tierra como sobre ella hay una vida, un
conjunto de seres que aman y odian.

Viven allí los gusanos más oscuros, y son
como cordones negros las raíces de las
plantas, y los hilos de agua subterráneos,
prolongados como un lino palpítor.

Dicen que hay otros aún: los gnomos, no
más altos que una vara de nardo, barbudos y
regocijados.

He aquí lo que hablaron cierto día, al
encontrarse, un hilo de agua y una raíz de rosal:

– Vecina raíz, nunca vieron mis ojos nada
tan feo como tú. Cualquiera diría que un

mono plantó su larga cola en la tierra y se
fue dejándola. Parece que quisiste ser una
lombriz, pero no alcanzaste su movimiento
en curvas graciosas, y sólo has aprendido a
beberme mi leche azul. Cuando paso
tocándote, me la reduces a la mitad.

Feísima, dime, ¿qué haces con ella?
Y la raíz humilde respondió:
– Verdad, hermano hilo de agua, que debo
aparecer ingrata a tus ojos. El contacto largo
con la tierra me ha hecho parda, y la labor
excesiva me ha deformado, como deforma
los brazos del obrero. También soy yo una

obrero; trabajo para la prolongación de mi
cuerpo que mira el sol. Es a ella a quien
envío la leche que te bebo; para mantenerla
fresca, cuando tú te apartas, voy a buscar los
jugos vitales lejos. Hermano hilo de agua,
sacarás cualquier día tus plantas al sol.
Busca entonces la criatura de belleza que
soy bajo la luz.

El hilo de agua, incrédulo pero prudente,
calló, resignado a la espera.

Cuando su cuerpo palpítor ya más
crecido salió a la luz, su primer cuidado fue
buscar aquella prolongación de que la raíz

hablara.

Y, ¡oh Dios!, lo que sus ojos vieron.
Primavera reinaba espléndida, y en el sitio
mismo en que la raíz se hundía, una forma
rosada engalanaba la tierra.

Se fatigaban las ramas con una carga de
cabeceas rosadas, que hacían el aire
aromoso y lleno de secreto encanto.

Y el arroyo se fue meditando por la
pradera en flor:

– ¡Oh, Dios! ¡Oh, Dios! ¡Cómo hay
fealdades que son prolongaciones de
belleza!...

El mar sus millares de olas
mece, divino.
Oyendo a los mares amantes
mezo a mi niño.

El viento errabundo en la noche
mece los trigos.
Oyendo a los vientos amantes
mezo a mi niño.

Dios Padre sus miles de mundos
mece sin ruido.
Sintiendo su mano en la sombra
mezo a mi niño.

Gabriela Mistral, La Raíz del Rosal, Meciendo: de Desolación, sexta edición, Colección Austral, Editorial Espasa-Calpe, S. A., Madrid, 1983

Que voltasses, era a prece
de minha alma desnortada;
tu voltaste, e hoje parece
que estou sonhando acordada.

Colombina, em
Koisalinda 0403

Palmos de terra em conflito,
conflito entre religiões...
e da paz mundial o grito
sufoca-se entre os trovões.

Dorothy Jansson Moretti, em
Fanal 0404

Faz sempre o que há de melhor
em teu sublime viver,
que a recompensa maior
é dar... e, não, receber!!!

Eduardo A. O. Toledo, em
Trovaledge 0404

Tirar o mel da mentira
da eterna idolatria,
inda assim não nos inspira
acordar da letargia.

Manoel F. Menendez

Ser avó – é duplamente
ser mãe, de puros afetos:
– dos filhos, primeiramente;
logo depois, de seus netos!

Nelson Fachinelli

Qual anjo bom, tutelar,
que tudo vê, advinha,
esposa e mãe, sois do lar,
esteio, serva e rainha.

Wilson Montemór, em
O Pitiguari 0402

Transborda o dedal
esquecido no jardim
chuvoso outonal.

Estela Bonini

Na sombra da relva,
uma arapuca arrumada.
Ao redor os pássaros...

H. Masuda Goga

Luz da lua nova
velho cavalo traz de volta
solenolento pinguço...

Naoto Matsushita

Apagando o risco
de giz neste quadro negro:
estrela cadente.

Sérgio Dal Maso

As libélulas
reflexos na poça d'água
após a chuva.

Sérgio Orly

Um vaso... um retrato...
Sobre o jazigo materno
duas flores-de-maio.

Teruko Oda

Relâmpago azul
crescem os olhos da criança
no colo da mãe.

Zuleika dos Reis

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haicai, Kigologia e Antologia, 1996

TEMAS DA SAZÃO		(QUIDAI) OUTONO	
No clarão da lua o silêncio interrompido com uivos de lobo. Alba Christina	Vejo um pica-pau com penacho na cabeça: parece um general. Djalda Winter Santos	Em meu peito cravo, ao som do cravo holandês, um belo cravo alvo! Marcelino Rodrigues de Pontes	
Enfermeiros cantam, no Dia da Cruz Vermelha, e abraçam doentes... Amália Marie G. Bornheim	Flores na janela... Alguém recebe crisântemos do primeiro amor... Ercy M. M. de Faria	Caos no hospital... Auxiliar não dá conta! – Dia da Enfermeira... Maria Madalena Ferreira	
Com pobre criança algumas pombas disputam abacate verde. Analice Feitoza de Lima	Brotando a Revolta dos Cravos, à Mãe de Fátima Portugal se volta. Fernando de Almeida Soares	Quintal da vizinha. Nos galhos, bolas de sol... caquís madrinhos. Maria Reginaldo Labruciano	
Sorrisos complacentes, atende enfermos. Anita Thomaz Folmann	Índios nas árvores assistem a Primeira Missa. Quinhentos anos... Helvécio Durso	capô do carro molhado. Serenó chegou. Neila Martelli Toledo	
Vôo colorido – quase cego e bom de mira bico do tucano. Carlos Roque B. de Jesus	Dia da Enfermeira: não se ausentam do hospital, suaves anjos brancos!... Hermoclydes S. Franco	Folha amarelada junta-se a outras, no chão. Vento, um ar de outono. Olga Amorim	
Relâmpago forte. Um raio corta o infinito. Lá vem o trovão!... Cecy Tupinambá Ulhôa	Louro tagarela fala que seu dono dá beijos na empregada. João Batista Serra	Ano mil e quinhentos. Na praia altar de madeira; índio intrigado. Olga dos Santos Bussade	
Sem cartão, sem nada, envoltos em celofane, seis cravos vermelhos... Darly O. Barros	A Primeira Missa... Índios, padre, pão e vinho. Caminhos cruzados. João Elias dos Santos	No Sul da Bahia, velando a esquadra ancorada, a Primeira Missa. Renata Paccolla	
Grito de jandaia assusta os animais, cala a floresta. Denise Cataldi	Dia da Enfermeira. Enfermo a aguarda com flores. As mãos estendidas! Leonilda Hilgenberg Justus	O sol estimula o exótico ornamental. Tremula o crisântemo. Roberto Resende Vilela	
Um cravo, um jardim em meio a um grande de rosas... que grande disputa. Dercy de Freitas	Gostosas uvinhas Acho na última do cacho gosto de azeitina! Luís Koshino Tokutake	Na rua de sempre as casas estão diferentes. Manhã de neblina. Sérgio Francisco Pichorim	
Na estrada de barro comitiva no sereno... só a luz da lua!!! Diego Brito Sousa	Voluntários lembram seu primeiro presidente. Dia da Cruz Vermelha. Manoel F. Menendez	Loja de animais. Pequena gaiola exhibe codornas esqueladas. SF0404 Walma da Costa Barros	

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Remeter até 30.05.04, quigos à escolha:
Broto de trigo, Dia do Folclore, Vento cortante.

Remeter até 30.06.04, quigos à escolha:
Chilrada na árvore, Dia da Independência, Erica.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sazão), seu *único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluímos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer este fácil entendido, *só treinando*.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicem em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apt. 132
01150-011 – São Paulo, SP ou mfinenendez@ig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única 1/2 folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos – palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.

2. Posteriormente o haicista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicista enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVOS À OCIDENTAL ° – TREVOS PERSONAGEM *

No dia das Mães, °
eu rezarei pela minha.
Sempre fui bom filho
Agostinho José de Souza

Crente no futuro °
Frei Henrique de Coimbra
abrença a terra.
Alba Christina

Dia do Trabalho °
incoerência universal.
Ninguém trabalha...
Helvécio Durso

Com o chinelo na mão °
todo dia a antiga mãe
dosava a educação...
Nilton Manoel Teixeira

Comércio voraz... °
Não tira o encanto que existe
No Dia das Mães!...
Hermoclydes S. Franco

Dia do Trabalho. °
No Brasil comemora-se
com descanso.
Paulo Alfredo Feitoza Böhm

HAICUS		EM FOLHA	
Velho casarão: junto ao muro do jardim, as flores-de-maio. Walma da Costa Barros	Lágrimas afloram, no Dia da Abolição, lembrando o passado. Amália Marie G. Bornheim	Perfume exalando. E o vento a tocar de leve as flores-de-maio. Analice Feitoza de Lima	
Fundo de quintal. Um xaxim abandonado. Uma flor-de-maio. Roberto Resende Vilela	Longa espuma branca na taça escura do céu – lendaria Via Láctea. Maria Reginaldo Labruciano	Broche de diamantes no manto azul do infinito. – Via Láctea esplende. Humberto Del Maestro	
A noite sem lua. Pairando na imensidão, poeira de estrelas. Larissa Lacerda Menendez	Com asas ligeiras beija-flor espalha o aroma das flores-de-maio. Anita Thomaz Folmann	Céu despoluído... Via Láctea é a passarela... Luia desfila. Anita Thomaz Folmann	
Danças africanas no Dia da Abolição. Retorno às origens. Renata Paccolla	No ventre da noite, sob o pálio sideral, brilha a Via Láctea. Roberto Resende Vilela	Pontilhada de astros, na mais profunda harmonia, brilha a Via Láctea. Amália Marie G. Bornheim	
Branqueando o espaço, os astros da Via Láctea: um denso caminho. Angélica Villela Santos	Na varanda fria uma visão cor-de-rosa. Nasce a flor-de-maio. Alba Christina	O sol se retira, olhos humanos contemplan extensa Via Láctea. Anita Thomaz Folmann	
Nasce a flor-de-maio. Toques de seda e fragrâncias se espalham nos vales... Amália Marie G. Bornheim	Negros comemoram o Dia da Abolição no velho quilombo. Renata Paccolla	Pela Via Láctea, um véu suave no céu. Descampada estrada. Manoel F. Menendez	
Tardes de lazer: flores-de- maio em guirlandas enfletem crianças. Walma da Costa Barros	De cor variada, no xaxim a flor-de-maio. – Encanto na sala. Humberto Del Maestro	Plena Via Láctea: duas estrelas perdidas aguardam os pássaros. Walma da Costa Barros	
Faixa iluminada. Caminho de S. Tiago atravessa o céu. Cecy Tupinambá Ulhôa	Em brilho embaçado sobre o Cruzeiro do Sul, Via Láctea encanta. Alba Christina	E a flor-de-maio que brilhante no jardim pinta o outono. Amari Amaral Campos	
Olhos espíandio a Via Láctea a luzir o manto da noite. Analice Feitoza de Lima	As flores-de-maio lembram contos do rosário da Virgem Maria. Clara de Novais Felix	Dia da Abolição e a notícia na TV de trabalho escravo. Darly O. Barros	
Na ponta de um ramo surpreendo algo rosado – uma flor-de-maio. Maria Reginaldo Labruciano	Move-se no rio fraca luz de embacação sob a Via Láctea. Larissa Lacerda Menendez	O ramo espigado da flor-de-maio entre as folhas. Outra flor aberta. Manoel F. Menendez	

Num dia só seu, ° aeromoça resvala. Um vôo no vôo. Demétrio Pereira Sena	Uvas madurinhas... ° A colheita ao nosso alcance... Bendito vovô! Ercy Maria Marques de Faria	Rubro buquê não ° ganhou – Dia da Aeromoça – mais lindo avião? Fernando Lopes Soares	Dia do Trabalho ° incoerência universal. Ninguém trabalha... Helvécio Durso	Comércio voraz... ° Não tira o encanto que existe No Dia das Mães!... Hermoclydes S. Franco	Nos jardins e praças, ° lembram as cristas-de-galo cálices de vinho. Humberto Del Maestro	Não cai boa chuva ° nas terras do sertanejo, apenas neblina... João Batista Serra
Só, na madrugada, ° tremia o menino pobre no sereno frio. Leda Mendes Jorge	Distante, no céu, ° infandas pequenas luzes. Olho e silêncio. Manoel F. Menendez	Mãe – fonte de luz. ° Comparo teu amor raro, ao do bom Jesus! Maurício Fernandes Leonardo	Com o chinelo na mão ° todo dia a antiga mãe dosava a educação... Nilton Manoel Teixeira	Dia do Trabalho. ° No Brasil comemora-se com descanso. Paulo Alfredo Feitoza Böhm	No meio de maio, ° mãos recebem os presentes dos filhos ausentes. Renata Paccolla	Vaso de planta: ° uma noite de orvalho... Vaso de flor! Sérgio Serra

Fui criada com princípios morais comuns.
Quando criança, ladrões tinham aparência de ladrões e nossa única preocupação em relação à segurança era de que os lanterninhas dos cinemas nos expulsassem devido às batidas com os pés no chão quando uma determinada música era tocada no início dos filmes, nas matinês de domingo.

Mães, pais, professores, avós, tios, vizinhos eram autoridades presumidas, dignas de respeito e consideração.

Quanto mais próximos, e/ou mais velhos, mais afeto.

Inimaginável responder deseducadamente a policiais, mestres, aos mais idosos, autoridades.

Confiávamos nos adultos porque todos eram pais e mães de todas as crianças da rua, do bairro, da cidade.

Tínhamos medo apenas do escuro, de sapos, de filmes de terror.

Hoje me deu uma tristeza infinita por tudo que perdemos.

Por tudo que meus netos um dia temerão.

Matar os pais, os avós, violentar crianças, seqüestrar, roubar, enganar, passar a perna, tudo virou banalidade de notícias policiais, esquecidas após o primeiro intervalo comercial.

Regalias em presídios são matéria votada em reuniões. Direitos humanos para criminosos, deveres ilimitados para cidadãos honestos.

Não levar vantagem é ser otário.

Ladrões de terno e gravata, assassinos com cara de anjo, pedófilos de cabelos brancos.

Agentes de trânsito multando infratores são exploradores, funcionários de indústrias de multas.

Policiais em blitz são abuso de autoridade.

Pagar dívidas em dia é bancar o bobo, anistia para os caloteiros de plantão.

Pagar dívidas em dia é bancar o bobo, anistia para os caloteiros de plantão.

Pagar dívidas em dia é bancar o bobo, anistia para os caloteiros de plantão.

O que aconteceu conosco?
Professores surrados em salas de aula, comerciantes ameaçados por traficantes, grades em nossas janelas e portas.
Crianças morrendo de fome.

Que valores são esses?

Carros que valem mais que abraço, filhos querendo-os como brindes por passar de ano.

Celulares nas mochilas dos recém saídos das fraldas. TV, DVD, videogames...

O que vai querer em troca desse abraço, meu filho?

Mais vale um Armani do que um diploma.

Mais vale um telão do que um papo.

Mais vale um baseado que um sorvete.

Mais vale dois vinténs do que um gostoso.

Que lares são esses?

Jovens ausentes, pais ausentes. Droga presente. E o presente?

uma droga!

Quando foi que tudo sumiu ou virou ridículo?

O que é aquilo?

Uma árvore, uma galinha, uma estrela, ou uma flor?

Quando foi que esqueci o nome do meu vizinho?

Quando foi que olhei nos olhos de quem me pede roupa, comida, calçado sem sentir medo?

Quando foi que me fechei?

Quero de volta a minha dignidade, a minha paz.

Quero de volta a lei e a ordem.

Quero liberdade com segurança!

Quero tirar as grades da minha janela para tocar as flores!

Quero sentar na calçada ter a porta aberta nas noites de verão.

Quero a vergonha, a solidariedade.

Quero a honestidade como motivo de orgulho.

Quero retidão de caráter, a cara limpa e o olho no olho.

Quero a esperança, a alegria.

Teto para todos, comida na mesa, saúde a mil.

Quero calar a boca de quem diz: "a nível de", enquanto pessoa.

Abaixo o ter, viva o ser!

E viva o retorno da verdadeira vida, simples como uma gota de chuva, limpa como um céu de abril, leve como a brisa da manhã.

E definitivamente comum, como eu.

Adoro o meu mundo simples e comum.

Ter o amor, a solidariedade, a fraternidade como base.

Vamos voltar a ser gente?

A indignação diante da falta de ética, de moral, de respeito...

Discordar do absurdo.

Construir sempre um mundo melhor, mais justo, mais humano, onde as pessoas respeitem as pessoas.

Utopia? Não... se você e eu fizermos nossa parte e contaminarmos mais pessoas, e essas pessoas contaminarem mais pessoas...

...hein?

Quem sabe?...

Comece repassando esta mensagem!

Seleção Ivanise Cordovani Marques

"Quero Voltar a Ser Feliz (Autor Desconhecido)" - ap.lilalilaz@aol.com

Aos poucos me dispo, aos poucos vai por terra, crostas, camadas. Que estavam impregnadas.

Embora não sejam minhas aos poucos vai por terra, como roupa velha que nunca me pertencera.

Aos poucos me desfaço, dessas escamas que acumularam e agora não tem mais sentido.

Não faz mais diferença. Hoje me dispo fico nua de alma nua de mente.

Pelada de emoções antigas. Não aceito rótulos impostos. Não me visto mais de farrapos.

Aos poucos cravo minha unha e arranco tudo, rasgando esse vestuário seu, não meu, fico nua.

Agora ando assim, com minha própria pele aos poucos me vestindo de mim.

Katia Mendes, Pelc... kathiam@terra.com.br - Caleidoscópico 2003, organizado por Jorge Cláudio Ribeiro - Editora Olho d'Água, Rua Dr. Homem de Melo 1036, CEP 05007-002 - São Paulo, SP (011) 3673-9633 / 3673-1287, www.olhodagua.com.br

F I M D E F E I R A

Lilia Alves de Siqueira Carvalho - diretoria@viacaoparatodos.com.br

... um leve odor de frutas e peixes podres pairava no ar. Restos de feira...
Edgard Telles Ribeiro

Excelente a trégua que a coluna e o nervo occipital me concediam. E, óbvio, aproveita-la para aquela caminhada. Não só pelo exercício físico, mas uma chance para o vó do diário dos pensamentos. Irrequietos. Devassadores. Odeiam permanecer em terra.

Sugiro que se acalmem. Por que não conviver com a vida, permitir que ela nos possua como a noiva na noite dos esposais?

Deleito-me com a calçada em frente à padaria tomada de flores; um alô ao porteiro distraído do prédio vizinho; oh, o policiamento, a babá que passeia com o cachorro sem a sacola de recolhimento. Ufa, desviar-me da meninada que curte a infância, é arte. Paciência com os passos vagarosos da velhinha.

- Cuidado com o sinal!

E o susto provocado pelo motoqueiro além da faixa de contenção? Também, ele ouve o que não quer.

Pra relaxar olho o céu. Caminho um pouco lá, um pouco cá. Atenta ao prazo estabelecido pelo medicamento. Britânico. Besteira desperdiçá-lo.

Na rua ensolarada, mais adiante, a algazarra de vendedores, de camelôs, de carrinhos de donas de casa apressadas e caixotes espalhados pelo chão, movimentação e pedaço. O moço moreno me oferece limões, enquanto a japonesa, na barraca, exhibe verduras frescas. Sem agrotóxico. Ao abrigo do calor, rosas viçosas e perfumadas. No entanto, da esquina, vem o cheiro de óleo na fritura de pastel; mistura-se com o odor do peixe. Me provocam enjôo.

Serpenteio, malabarizando empurrões e insistências até me desvencilhar por completo. Então, mais segura apresso o passo, a ponto de, alguns quarteirões depois, tropeçar num senhor distraído. A idade avançada não lhe tira o porte empertigado. Ao que parece, caminha alheio ao mundo, às pessoas, aos problemas. Só que, no intuito de pedir-lhe desculpas, dou de cara com olhos esgazeados. Anônimos.

- Ninguém a acompanhá-lo?

Quando meu pai começou a sofrer de Alzheimer, a primeira identidade perdida foi o vigor do olhar. Ah, se me lembro... Tomei consciência, assim que o vi descer do carro, em frente de casa.

Deus meu, anteontem mesmo não tinha ele regressado de auspiciosa viagem? A título de saúde, tudo bem; os prognósticos para muitos anos de vida, ainda, os melhores possíveis. Exuberante. Empolgado. Conformado com os modestos traseiros das americanas. Nem por isso menos afetuosas e afoitas.

Ele fazia questão de se pavonear na indumentária e nos acessórios. Nos chapéus por exemplo. Tinha uma coleção deles. Desembarcou com um, do Texas. Realçava sua cabeça à Rui Barbosa, motivo de orgulho. Os cabelos brancos, não havia mais necessidade de disfarçá-los.

Como lhe tinham elogiado os sapatos, lá na terra do tio Sam! Pudera, fora a sofisticação, recebiam polimento duas vezes por dia.

A fala ruidosa não chamava mais a atenção do que o brilho vigorante dos olhos; externavam a vontade de viver. Satisfação em cumprir a tarefa.

Mercia esse crédito pelos débitos anteriores. Fechamento do livro Caixa e do livro Razão. Tempo da colheita.

- O que aconteceu?, perguntei a meu irmão, que o acompanhava desconsolado.

Logo fiquei a par das coisas sem nexos vindas dele. Nessa hora conheci a sensação da orfandade paterna. Aquele homem de vitalidade sem igual pertencia ao passado.

- Que tal a viagem, papai?

- Boa, apesar de não ter milho para os cavalos. Abafei e disfarcei a comoção que pesava a alma. Solidária com ele, no ocorrido. À noite veio o médico. Confirmou o diagnóstico. No meu egoísmo, tento argumentar sobre a causa.

- Alguma contrariedade? Quem sabe um trauma?

Ele havia passado por um muito forte.

O quadro era clínico e progressivo. Desde então a enfermidade foi se assenhoreando da casa. Do jardim e do quintal. Dos lençóis, dos utensílios da cozinha. Todos reféns. Caridosos, às vezes, ela contemplava o doente com períodos de lucidez; além de consolo, momentos de descontração para nós. Indago-lhe na varanda:

- Como está se sentindo, papai?

- Sabe minha filha, esta doença está me dando um lucro...

- Como?

- Quando me pedem dinheiro emprestado, respondo que os filhos me interditarão. Estou lélé da cuca.

Às vezes, o velho brinçalhão em conluio com a criança que retornava nele. A chave da porta principal vivia escondida. Pois não é que, naquele

dia, ele a descobriu? Pegámo-lo no portão, de fuga para a avenida. Minha segunda filha, resolveu o assunto:

- Mãe, o jeito é levar ele para o Prê. Na minha classe tem uma carteira sobrando; vou conversar com a Irmã.

- Ele manteve a perspicácia por algum tempo. Certa noite me confidenciou:

- Seu irmão pensa que me tapeia. Me leva para a sala dele para eu assinar um monte de papéis, sei que estou doando os bens para vocês.

Hoje o curta-metragem volta à tela. Chegou a vez de esse filho delegar poderes aos seus filhos. No aguardo da hora, promete não se entregar de mão beijada. Outro tronco caindo de pé.

Meu pai durou mais dois anos. No primeiro, conseguiu fazer o Imposto de Renda; no segundo, foi sucumbindo devagar como se quisesse nos dar um tempo. Para amadurecer? Como beneficiários de bens e da vida? Em gradual declínio foi se afastando de nós, do mundo, da razão.

O senhor que quase atropelou desaparece numa das esquinas. Alguém perto comenta:

- Ele mora por aqui, todos o conhecem. Foi um grande comerciante do Itaim Bibi. Não se preocupe.

Não me preocupo. Na volta deparo com o carro-pipa lavando a rua antes obstruída. Não obstante, o odor característico fica. Frutas pisadas, verduras em deterioração são varridas pelos garis. Viram lixo. No chão, as pétalas de rosas murchas perderam o perfume.

Havia algo de podre no fim de feira.

Caleidoscópico 2003, organizado por Jorge Cláudio Ribeiro - Editora Olho d'Água, Rua Dr. Homem de Melo 1036, CEP 05007-002 - São Paulo, SP (011) 3673-9633/3673-1287, www.olhodagua.com.br